

COTIDIANO DA ESCOLA

O QUE PODE UM CORPO?

DISCUTINDO GÊNERO, SEXUALIDADE E QUESTÕES ÉTNICO-RACIAIS ATRAVÉS DO CORPO EM UMA ESCOLA MUNICIPAL DE PORTO ALEGRE

Gabriela Nobre Bins*

Helena Meirelles**

Este é um relato de experiência de uma escola municipal de Porto Alegre. O projeto “O que pode um corpo?” é uma tentativa de trabalho conjunto entre as disciplinas de Educação Física e Arte Educação. Em uma perspectiva transdisciplinar, buscamos a compreensão do mundo presente a partir do que está entre, através e além das disciplinas. Partindo do pressuposto que ambas as disciplinas têm o corpo como matéria-prima e de que, segundo o filósofo Merleau Ponty (1999), o corpo é um cenário em relação ao mundo; então, precisamos explorar na escola as possibilidades desse corpo. Para Rodrigues (2006), o corpo é o primeiro, mais natural e concreto patrimônio que o homem possui. Já Levi Strauss (1976 apud Rodrigues 2006) afirma que o corpo é mais social do que individual, porque ele expressa metaforicamente os princípios da vida coletiva. Gomes ressalta que “tanto na instituição escolar como na sociedade, o corpo é o veiculador da comunicação do sujeito, falando a respeito da sua maneira de estar no mundo, sendo natural e simbólico ao mesmo tempo, mas, antes de qualquer coisa, cultural” (GOMES, 2002, p.41). Sendo assim, ele é um importante locus de trabalho pedagógico. A partir da ideia de aulas conjuntas entre duas turmas de c30 ,

*Mestre em Ciência do Movimento Humano pelo PPGCMH/UFRGS, SMED-POA.

**Licenciada em Artes UFRGS, SMED-POA.

último ano do 3º ciclo do ensino fundamental, trabalhamos atividades que possibilitassem uma reflexão sobre que corpo é esse que nós somos, que anda ao nosso lado e que preenche este mundo. O que pode um corpo? Pierre Bourdieu (1990:73) já dizia que o que é aprendido pelo corpo não é algo que se possui como um conhecimento, mas é algo que se é. Ou seja, todas as nossas vivências passam pelo nosso corpo e é a partir da incorporação que vamos construindo nosso ser e nossa bagagem de conhecimento. Quando se entra na escola não se deixa o corpo no portão de entrada; “ele” somos nós, mas o que é que eu faço com esse corpo? Através do corpo pretendemos discutir questões de gênero, etnia sexualidade e classe social.

A escola onde foi realizada essa atividade fica num dos bairros com o menor IDH e também um dos mais violentos da cidade de Porto Alegre. É uma escola com cerca de 1400 alunos. As turmas envolvidas foram as 3 turmas do último ano do 3º ciclo, com 30 alunos em média em cada uma, na faixa etária de 14 a 16 anos.

Este projeto se estendeu por três meses e procurou sensibilizar os alunos para as diversidades corporais e suas possibilidades. Primeiramente, cada disciplina trabalhou com elementos corporais em suas aulas. Na Educação Física, trabalhamos com aulas de expressão corporal e dança criativa, proporcionando vivências onde os alunos entrassem em contato com seus corpos e os corpos dos colegas. Nas aulas de expressão corporal os alunos fizeram exercícios em duplas, onde um era o escultor que modelava o corpo do outro formando estátuas. No início, tiveram dificuldade no contato com o corpo do colega, mas com o tempo eles foram sentindo-se mais confortáveis com o toque. Em outras aulas, os alunos foram divididos em grupos por gênero e tinham que montar monumentos com seus corpos; no primeiro, deviam representar como eles achavam que o gênero oposto os vê. As meninas fizeram uma estátua que enfatizava partes do corpo como seios e bunda, representações da maternidade e da casa. Já o monumento dos meninos mostrava dinheiro, bebida, drogas e carro. Em seguida, foi pedido que cada grupo fizesse um monumento de como eles viam o outro grupo. As estátuas então variaram um pouco. Ao representarem como as meninas viam os meninos, os elementos que compunham a cena foram: um pai brincando com as crianças, um abraço, um companheiro de dança, mas também a bebida, o dinheiro e a violência contra a mulher e os filhos. Na estátua dos meninos, por sua vez, apareceu muito presente o sexo, a figura materna e os cuidados domésticos; porém também apareceu a figura do carinho e companheirismo. Depois disso, sentamos em uma roda de conversa sobre os monumentos.

Discutimos como esses estereótipos de gênero são construídos desde cedo, inclusive através dos brinquedos. Uma aluna falou: “é claro que eles iam fazer a gente na cozinha ou cuidando dos filhos, porque desde pequena se eles ganham bola, carrinho e skate a gente ganha boneca e panelinhas!” Outra atividade realizada foi a análise de corpos representados na mídia, buscando visualizar quais corpos são vinculados nesses meios de comunicação, além de discutir quem eles representam e como nos enxergamos neles. Os alunos analisaram revistas como Caras, Capricho, Gloss, Corpo a Corpo e Placar. Contaram as pessoas por gênero e raça e perceberam como existem poucos negros nas revistas. Na revista Capricho, por exemplo, os alunos contaram 274 pessoas, entre elas 152 mulheres, 122 homens, 268 brancos e 5 negros. Os alunos compararam os percentuais dos resultados com os percentuais da autodeclaração de raça do IBGE e perguntaram: Como pode, se nos dados do IBGE mais da metade da população é negra, o que aparece na mídia é uma maioria branca e muitos poucos negros?

Nas aulas de Arte Educação foram trabalhados o autorretrato, máscaras, desenho e fotografia. As máscaras feitas de gesso foram construídas em duplas, um modelando o rosto do outro e depois pintadas individualmente. Na fotografia, cada aluno escolhia a parte do corpo que mais lhe agradava para fotografar e, depois, fizemos um jogo de adivinhação para identificar de quem era cada fotografia. Todo o processo foi permeado por discussões de como cada corpo é único apesar das semelhanças, e de como nossa sociedade insiste em construir estereótipos.

Depois fizemos oficinas conjuntas, com duas turmas e as professoras de Educação Física e Arte Educação. Nessas aulas-oficinas, os alunos faziam releituras de imagens corporais dentro dos seguintes temas: corpo e sexualidade, corpo étnico, corpo e diversidade física, corpo político, corpo identidade e corpo como arte. Nessas oficinas, ao entrarem na sala, os alunos se deparavam com vários envelopes numerados espalhados pelo chão. Nos envelopes havia 3 imagens que representavam os assuntos citados e uma frase ou poesia. Eles trocaram ideias sobre as imagens e frases, buscaram uma ligação entre elas e depois escolheram uma que os representasse; então, fizeram com seus corpos uma releitura da imagem e de suas reflexões. Após essa releitura, fizemos rodas de conversa onde os alunos discutiam as releituras. Durante todos os momentos das oficinas procuramos possibilitar a reflexão sobre o que pode um corpo e que corpos são esses que habitam esse espaço. Além dessas oficinas, assistimos a três espetáculos teatrais e caminhamos pelo bairro fotografando os corpos que havíamos discutido anteriormente. A saída de campo foi um momento muito

interessante, porque os alunos precisaram fazer um exercício de estranhamento, ou seja, tornar estranho aquilo que lhes é familiar. Passaram a olhar para sua comunidade buscando detalhes que muitas vezes passavam despercebidos. Para fazer uma síntese de tudo que trabalhamos ao longo do projeto, os alunos montaram uma instalação com imagens de corpos preenchidos por imagens e frases do que lhes tocou no processo, tentando expressar de forma artística toda a sua percepção da experiência a qual foram submetidos.

Trabalhar o corpo e com o corpo não é uma tarefa muito fácil na escola, pois carregamos uma série de préconceitos e tabus sobre ele e, para superá-los, às vezes é dolorido e leva tempo. O projeto “O que pode um corpo?” mexeu muito com os alunos e de formas diversas. Alguns ficavam muito incomodados com as discussões, outros com o toque. Vários alunos sentiram-se incomodados com a união de duas turmas. Mas aos poucos os alunos foram se acostumando a abandonar a segurança da sua turma e se aventurar em novas experiências. Em uma conversa final de avaliação, pudemos perceber que alguns alunos conseguiram ser tocados pela experiência e passaram a encarar seu corpo e os corpos em geral de uma forma mais aberta, superando alguns preconceitos. Nós, professoras, também saímos dessa experiência tocadas e reconstruindo nossos entendimentos sobre o que pode um corpo. Reforçamos nosso entendimento de que em uma sociedade racista, machista e heteronormativa como a nossa, onde o corpo pode ser construído como um potente veículo de preconceito, precisamos transformar esses assuntos em conteúdo pedagógico.

Referências

BOURDIEU, Pierre. *The Logic of Practice*. Stanford: Stanford University Press, 1990.

GOMES, Nilma Lino. Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos ou ressignificação cultural? *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, n. 21, p. 40-51, set/ out/nov/dez. 2002.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

RODRIGUES, J. C. *Tabu do corpo*. 7 ed. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2006. (coleção Antropologia e Saúde).